REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e088026

O carrinho que atravessava salas e mundos

Renata Aparecida da Silva
Juara, Mato Grosso, Brasil
rasjuara@gmail.com
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá-MT
Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/MT
https://orcid.org/0000-0001-6274-3908

Ainda trago fresco em minha memória aquele final de tarde de maio, na escola. O calor de Mato Grosso trazia um leve desconforto após um longo dia de trabalho, e as ideias não fluíam.

Foi então que eu e mais duas professoras ouvimos um ruído ao longe, um ranger de rodas atravessando o corredor. Olhamos para a porta aberta da sala dos professores, que dava para o pátio, e vimos um carrinho de supermercado sendo empurrado pela equipe de limpeza, carregado de baldes, panos e vassouras.

Ficamos em silêncio por um instante. Bastou um olhar entre nós. Foi como se uma luz se acendesse em nossa mente e falamos ao mesmo tempo:

— Compra!!

Naquele momento, o simples carrinho deixou de ser um objeto de transporte de material de limpeza. Sem que soubéssemos explicar, ele já carregava uma ideia, daquelas que nascem a partir do cotidiano e que ainda ganharia forma no caminho.

Nos dias seguintes, aquele carrinho se transformou em plano. Passaria a circular entre as salas do 3º ano do Ensino Fundamental, já não levando materiais de limpeza, mas algo que ainda estávamos começando a construir: uma cesta básica. Entre uma turma e outra, levaria perguntas, escolhas e diferentes maneiras de entender o que é, afinal, essencial em uma mesa, em uma casa.

Quando o assunto chegou à sala, os olhos curiosos não demoraram a aparecer.

— Professora, o que é cesta básica? - perguntou um aluno, com a testa franzida.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e088026

Antes que eu respondesse, uma aluna comentou:

— Minha mãe já comprou… vem arroz, feijão, bolacha…

Outro, ainda tentando entender, emendou:

— Mas é comida mesmo? Por que então fala cesta básica?

Foi ali que percebi: o carrinho já não carregaria apenas objetos. Havia algo acontecendo que escapava ao planejamento, algo que nascia das perguntas, das experiências e das diferentes formas de ver o mundo.

— Aí tem história, hein, professora? Conta pra nós! - disse um dos alunos, sorrindo, como quem já esperava mais do que uma resposta simples.

E tinha mesmo.

Aos poucos, começamos a conversar sobre o que poderia existir dentro de uma cesta básica. As ideias surgiam de todos os lados: arroz, feijão, óleo…

— Tem que ter bolacha! - insistiu uma aluna.

— E chocolate? - perguntou outro, já imaginando possibilidades.

Entre risos e argumentos, fomos tentando entender juntos o que era, de fato, essencial. Nem sempre havia concordância - e talvez fosse justamente isso que tornava tudo mais interessante.

Foi nesse movimento de escolhas que surgiu a ideia de destino.

— Pra quem vai essa cesta, professora? — perguntou um aluno.

A pergunta abriu um novo caminho. Conversamos sobre quem poderia precisar, sobre ajudar, sobre partilhar. Foi então que sugeri:

— E se a gente montasse essa cesta para doar?

A proposta ganhou força. Entre as possibilidades, decidimos que ela seguiria para a Casa do Menor[1].

A partir dali, o que era atividade começou a ganhar outro sentido.

[1] Casa de Passagem Francisca Isaura Moreira (oficialmente), localizada em Juara/MT. A instituição é um abrigo provisório para crianças e adolescentes em situação de risco.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e088026

Com a cesta tomando forma, vieram também as decisões: quanto custa, o que cabe, o que escolher.

Os valores começaram a fazer parte das conversas. Alguns tentavam somar, outros comparavam preços, outros ainda se perguntavam como pagar.

— Professora, dá pra comprar tudo isso?

Entre contas, tentativas e descobertas, a Matemática ia aparecendo, não como obrigação, mas como necessidade.

E, de repente, outra pergunta surgiu:

— De onde vem tudo isso?

Foi assim que começamos a imaginar os caminhos dos alimentos até chegar à nossa mesa. Alguns falaram da roça, outros do mercado, outros lembraram de histórias de família.

Percebemos que, antes de chegar à cesta, cada item já carregava uma trajetória de trabalho, de terra, de gente.

À medida que a cesta ganhava forma, os olhares também mudavam. Já não se tratava apenas de escolher produtos, mas de entender o que havia por trás de cada um deles.

Ao observar as embalagens, surgiram novas descobertas.

— Professora, aqui tem uma data…

— Esse aqui vence primeiro!

Entre fabricação e validade, começamos a falar de tempo, do cuidado com o alimento, do consumo, do que pode ou não ser desperdiçado. Pequenos detalhes que, até então, passavam despercebidos, começaram a ganhar sentido.

O carrinho continuava seu percurso. E, assim como ele, as ideias também circulavam. Em um dos momentos, os desafios criados por uma turma seguiam para outra. Problemas iam e voltavam, respostas eram pensadas, refeitas, discutidas.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e088026

Não era mais apenas sobre acertar. Era sobre compreender, dialogar, construir junto. E, quando menos percebemos, a cesta estava pronta. Mas algo havia mudado.

O que antes era uma proposta de atividade havia se transformado em experiência. Cada item ali carregava mais do que um valor ou uma medida, carregava escolhas, conversas, histórias e diferentes formas de ver o mundo.

No dia da entrega, o carrinho percorreu mais uma vez o corredor da escola. Mas já não era o mesmo. Nem nós éramos.

Seguimos até a Casa do Menor. E, naquele percurso, compreendi que o caminho mais importante não foi o dos alimentos até a cesta, mas o da aprendizagem que nos aproximou do outro.

Talvez fosse isso que, um dia, eu ouvi chamar de algo maior. Algo que atravessa a escola, a vida e os saberes, sem pedir licença ou definição. Mas, ali, não precisava de nome. Bastava acontecer.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e088026

O carrinho que atravessava salas e mundos

The Cart That Crossed Classrooms and Worlds

El carrito que atravesaba aulas y mundos

Resumo

Esta crônica apresenta uma experiência vivenciada no contexto escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na qual uma proposta envolvendo a construção de uma cesta básica, inicialmente pensada como atividade pedagógica, revelou dimensões da Etnomatemática e da transdisciplinaridade. A partir de situações do cotidiano, como escolhas de alimentos, análise de preços, prazos de validade e percurso dos produtos até a mesa, os alunos mobilizaram saberes diversos. O processo culminou na doação da cesta, evidenciando relações entre matemática, cultura, contexto social e formação cidadã.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Ensino de Matemática. Cotidiano. Formação cidadã.

Abstract

This chronicle presents an experience developed in the early years of Elementary Education, in which a pedagogical proposal involving the construction of a basic food basket revealed dimensions of Ethnomathematics and transdisciplinarity. Based on everyday situations, such as food selection, price analysis, expiration dates, and the path of products to the table, students mobilized diverse knowledge. The process culminated in the donation of the basket, highlighting relationships between mathematics, culture, social context, and citizenship education.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Mathematics Education. Everyday Life. Citizenship Education.

Resumen

Esta crónica presenta una experiencia desarrollada en los primeros años de la Educación Primaria, en la cual una propuesta pedagógica que involucró la construcción de una canasta básica reveló dimensiones de la Etnomatemática y la transdisciplinariedad. A partir de situaciones cotidianas, como la selección de alimentos, el análisis de precios, las fechas de vencimiento y el recorrido de los productos hasta la mesa, los estudiantes movilizaron diversos saberes. El proceso culminó con la donación de la canasta, evidenciando relaciones entre matemática, cultura, contexto social y formación ciudadana.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Enseñanza de las Matemáticas. Vida Cotidiana. Formación Ciudadana.